

<b>Título:</b>	A Carta do Pistoleiro Mainha à Sociedade	
<b>Autor:</b>	Guaipuan Vieira	
<b>Categoria:</b>	Literatura de Cordel - 29 estrofes - 8 páginas	
<b>Idioma:</b>	Português	
<b>Instituição:</b>	Centro Cultural dos Cordelistas - Cecordel	
<b>1ª Edição:</b>	1998	2ª Edição: 1998 /3ª edição:1999
<b>Gravação:</b>		
<b>Estilo:</b>	Carta	

## A CARTA DO PISTOLEIRO MAINHA À SOCIEDADE

Autor: Guaipuan Vieira

Eu escrevi um folheto  
De grande repercussão  
A respeito de Mainha  
E sobre a sua prisão  
Cujo folheto atingiu  
A sua quinta edição.

Por causa disso Mainha  
Me mandou uma mensagem  
E nela naturalmente  
Salvaguarda sua imagem  
Dizendo que não é rico  
A custa de pistolagem.

Eu recebi a mensagem  
Enviada por Mainha  
E garanto aos meus leitores  
Que não é invenção minha  
Porque eu sou um poeta  
Que nunca fugiu da linha.

O recado que transcrevo  
Só mudei mesmo o estilo  
Pois eu transformei em versos  
Sem guardar nenhum sigilo  
Transcrevo o que me foi dito  
Portanto eu fico tranquilo.

Ao tomar conhecimento  
Do que andei escrevendo  
O detento com razão  
Escreveu se defendendo  
Me enviando a mensagem  
Que assim começo dizendo:

- "As duas grandes famílias  
Com muito orgulho pertencem  
Aos Maias pelo meu pai  
Que sempre teve bom senso  
Da mamãe herdei Diógenes  
Que tem um padrão imenso.

Muitos pensam que eu sou  
Um terrível pistoleiro  
Um sujeito endiabrado  
Perverso e arruaceiro  
Pensam que eu sou também  
Um filho de cangaceiro.

A mente do nosso povo  
Muitas vezes é enganada  
Com especialidade  
Quando é mal informada  
E a vítima com as notícias  
É a mais prejudicada.

Eu nunca fui pistoleiro  
A todos posso provar  
Se matei foi por vingança  
Assunto particular  
Pistoleiro que eu saiba  
É pago para matar.

Se eu fosse perigoso  
Não teria sido preso  
Pois cabra desta maneira  
Tem o olhar bem aceso  
Tem ouvidos de tiú  
Ninguém o pega indefeso.

O bandido perigoso  
de tudo está informado  
Pra isto paga coiteiro  
Anda muito bem armado  
Nunca é preso sempre é morto  
Dentro dum fogo cruzado.

Na noite em qu'eu fui preso  
Pelo senhor delegado  
Não reagi à prisão  
Nem também estava armado  
E é a pura verdade  
Conforme foi constatado.

Mesmo assim a própria imprensa  
Que na minha casa andou  
Pesquisando a minha vida  
de tudo se inteirou  
Porém me deram uma fama  
Que só me prejudicou.

O bandido foragido  
Muda a sua identidade  
Abandona a sua terra  
Parte pra outra cidade  
Mesmo assim vive escondido  
Garantindo a liberdade.

Com então sou foragido  
Se tenho a minha morada  
Nela vivo com meus filhos  
E minha mulher amada  
Que vive sempre com medo  
De eu morrer numa cilada.

Eu vivo a minha vida  
De vaqueiro e agricultor  
Derrubando o gado bravo  
No sertão abrasador  
Na fazenda de Diógenes  
O meu "pai" meu protetor.

Pois seu Chiquinho Diógenes  
Gostava de viajar  
Para ver Exposições  
Do gado bem exemplar  
E quando comprava alguns  
Eu sempre ia buscar.

Esta é a tal razão  
De a polícia vir dizer  
Que eu era um foragido  
Por muitos crimes dever  
Coisa que não é verdade  
Todos vocês podem crer.

O crime que pratiquei  
Já está esclarecido  
Se matei foi por vingança  
Não estou arrependido  
Só dei fim no assassino  
Que matou meu "pai" querido.

Pois Chiquinho para mim  
Era um verdadeiro pai  
Hoje quando penso nele  
Meu coração se contrai  
E o seu assassinato  
Da cabeça não me sai.

Então digo pros senhores:  
Cada uma traz uma sina  
Uma que dá alegria  
E outra que se arruína  
Tudo depende da sorte  
É ela quem determina.

Mesmo um homem sendo bom  
Muitas vezes é vitimado  
Pra expiar seus pecados  
Carrega um fardo pesado  
É um bode expiatório  
Ou um desafortunado.

Pra carregar este fardo  
O destino me escolheu  
Como prova uma campanha  
Que um grupo promoveu  
Me jogou contra o povo  
E só fui eu quem perdeu.

Eu perdi pelo seguinte:  
Hoje tenho uma má fama  
Ninguém acredita em mim  
Todo mundo me difama  
E querem me afogar  
Num oceano de lama.

Já falei aqui do crime  
Que pratiquei por vingança  
Por ele estou amargando  
Numa cela em segurança  
Esperando a liberdade  
Porque tenho confiança.

Quero voltar ao convívio  
Da minha santa morada  
Para rever os meus filhos  
E minha mulher amada  
Que certamente está triste  
E chorando inconformada.

Pistoleiro perigoso  
É o chefe da Nação  
Que mata de fome e à bala  
Parte da população  
Ele é quem devia estar  
Sofrendo numa prisão.

Sou um bode expiatório  
Por um grupo fabricado  
Que talvez este é quem seja  
O bandido procurado  
Que sempre vive julgando  
E nunca quer ser julgado.

-Termino assim a mensagem  
Enviada por Mainha  
Repito o que disse antes:  
Que não é invenção minha  
Todos sabem que eu sou  
Um cordelista de linha.

Fim